

Ler e escrever na escola¹

Elisa Bonilla Rius² (México)

Como diz Delia Lerner³ “...ler e escrever são palavras familiares para todos os educadores, palavras que têm marcado uma função essencial – talvez a função essencial – da escolaridade obrigatória; redefinir o sentido desta função – e explicar, portanto, o significado que pode se atribuir hoje a estes termos tão arraigados na instituição escolar – e é [em sua opinião e na nossa] uma tarefa iniludível...” Sem dúvida, ler e escrever constituem uma missão histórica da escola, porém, as expectativas do que a escola deve conseguir tem mudado muito com o tempo. O que se entende por ler e escrever hoje não corresponde ao que se entendia no passado.

Se tomarmos, por exemplo, o caso do México na década de 1920 (quando em nosso país começou o processo de universalização da educação básica e o desafio era alfabetizar a uma população majoritariamente analfabeta), veremos que ler e escrever se referia, unicamente, a conhecer o código e saber decifrá-lo. Portanto, o desafio era levar à escola a todos os cantos do país e não se contava com suficientes professores. Assim, uma pessoa que contasse com somente quatro anos de escolaridade do primário podia exercer como professor rural. Seus conhecimentos eram suficientes para ensinar, o que naquele tempo se denominava “as primeiras letras”.

Atualmente, na chamada sociedade do conhecimento ou da informação, a situação no México - como em muitos outros países - é bastante diferente com relação à que imperava décadas atrás. Hoje, a educação básica universalizou-se e o desafio já não é somente conseguir a cobertura do serviço, e sim oferecer esse serviço com qualidade. Em nosso país, a educação obrigatória é cursada ao longo de dez anos e, recentemente, a Constituição foi reformada para que, a partir do ano de 2008, esta educação inclua os níveis de ensino do pré-escolar, do primário e do ginásio, abarcando 12 anos de escolaridade na etapa dos 3 aos 15 anos de idade. Mas a transformação da educação obrigatória não se deu somente no número de séries que cobre, senão nas expectativas do que a escola deve conseguir. Estas expectativas são, hoje, muito mais ambiciosas do que há algumas décadas atrás, e um dos graves problemas que os sistemas educativos e as sociedades – onde estes sistemas estão imersos – enfrentam é que tais expectativas têm evoluído muito mais rapidamente que os recursos financeiros disponíveis, que a infra-estrutura, as mentalidades e os modos de operar prevaletentes em ditos sistemas educativos.

O objetivo principal da educação obrigatória tornou-se mais complexo e a escola fundamental - na era da sociedade do conhecimento - tem um desafio enorme: deve formar aos cidadãos de um país democrático. E uma democracia requer, entre outras coisas, que todos os cidadãos que a conformem sejam capazes de se comunicar oralmente e por escrito, pensar por si mesmos, gerar idéias próprias, conhecer as idéias de outros (constantemente expressas por escrito), e responsabilizar-se por sua postura pessoal e argumentá-la diante das posturas sustentadas por outros. Hoje se exige à escola fundamental que cumpra com eficiência todos estes supostos, para que seus formandos sejam usuários competentes da cultura escrita e, portanto, possam contar com as habilidades de pensamento, básicas e superiores, que lhes permitam gerar conhecimento, continuar aprendendo ao longo de sua vida e se desempenharem como cidadãos de uma sociedade democrática.

- 1 Uma versão mais extensa deste artigo foi apresentada no II Congresso Nacional de Leitura e Escrita, realizado no México, na cidade de Durango, entre os dias 19 e 22 de maio de 2004.**
- 2 Diretora Geral de Materiais Educativos da Subsecretaria de Educação Básica da SEP e coordenadora nacional do Programa Nacional de Leitura para a Educação Básica e Normal.**
- 3 Delia Lerner, “Leer y escribir en la escuela: lo real, lo posible y lo necesario”, Biblioteca para la actualización del maestro, FCE-SEP, México, 2001, p. 25.**

Para conseguir estas ambiciosas expectativas, é indispensável transformar o ensino e o aprendizado da leitura. Entender que aprender a ler é muito mais que aprender a decodificar, e que este aprendizado não pode estar limitado à instrução dos primeiros anos do ensino do primário, quando se ensina o código alfabético, senão que se trata de um processo progressivo de construção de conhecimentos, destrezas e estratégias, ao qual deve dar-se atenção ao longo de toda a educação obrigatória. A tarefa de desenvolver nos alunos e alunas as habilidades comunicativas deve iniciar-se antes do ensino do primário, no nível do pré-escolar, e deve continuar ao longo dos diversos níveis educativos da educação obrigatória. Assim mesmo, requer-se de políticas eficazes para que esta tarefa compita a todos os professores e não se identifique como exclusiva dos professores da matéria de língua.

Pois bem, a grande pergunta é como transformar a organização escolar e as práticas pedagógicas para conseguir que estas expectativas de nossa sociedade atual, para que os alunos possam tirar, como diz Lerner⁴ “... carteira de cidadania no mundo da cultura escrita”. Neste contexto, ela mesma se pergunta e nos pergunta, se é possível ensinar a ler na escola, se é possível ler na escola; e nos alerta sobre a desnaturalização que a leitura tem sofrido na escola ao escolarizar-se, entanto seu ensino, por uma parte, ignora seus usos e práticas sociais e, por outra, carece dos textos representativos de cada prática social. Referencios os obstáculos que a pedagogia tradicional apresenta para ensinar verdadeiramente a ler. Em particular, destaca – que a maior limitação para formar usuários da cultura escrita é a presença na escola de uma só modalidade de leitura e a existência de um único tipo de texto: o escolar. O grande desafio, então, é desenvolver práticas pedagógicas que verdadeiramente favoreçam a formação de usuários da cultura escrita, que reconheçam estes usos e práticas sociais e que gerem condições em suas aulas, para que seus alunos se formem como leitores e escritores.

Para serem eficazes, tais práticas requerem que se dê um papel ativo ao leitor, ou seja, que se reconheça que a leitura não consiste somente em dar voz ao autor lido, senão em “penetrar em outros possíveis mundos”⁵.

Para isto, os alunos leitores devem valer-se de estratégias que dêem sentido ao que lêem. Por sua vez, os professores devem compreender que “o sentido não está no texto nem só na mente do leitor, senão na mistura contínua, recorrente, - como o afirma Louise Rosenblatt⁶- das contribuições de ambos... Na medida em que se avançar uma leitura se ativam muitas linhas do pensamento. Sua cultura, a sociedade que o rodeia, a situação e o propósito que o levou a esse texto em particular nesse momento particular, seus próprios supostos e preocupações pessoais e - inclusive - seu estado físico influirão no que [o leitor] fizer com o referente das palavras e sentimentos, com as sensações e as associações que se apresentarem. Conforme constrói significados, irá interpretando, refletindo, avaliando, aceitando e rejeitando os significados que constrói... Cada leitura, apesar de ser do mesmo texto e pelo mesmo leitor, é um acontecimento particular único, uma reunião de um texto particular e um leitor particular em um momento particular e sob circunstâncias particulares”. E para ilustrar esta afirmação, eis aqui uma citação de Alberto Manguel⁷, a propósito da individualidade e mutabilidade da leitura:

Ao longo da minha experiência, meus gostos e meus preconceitos mudaram... descontando uns poucos ícones, minhas palavras e meu mundo nunca são um e o mesmo. O provérbio de Heráclito sobre o tempo se aplica igualmente à minha leitura: “A pessoa nunca se submerge duas vezes no mesmo livro”.

E logo agrega:

O que permanece invariável é o prazer de... experimentar, subitamente, essa peculiar sensação de assombro, de reconhecimento, de arrepio ou fulgor que - às vezes - sem razão perceptível, provoca um encadeamento de palavras.

4 Op. cit., pp. 115-116.

5 Idem.

6 Louise M. Rosenblatt, “La literatura como exploración, Fondo de Cultura Económica, México, 2002, pp. 13-14.

7 Alberto Manguel, “En el bosque del espejo. Ensayos sobre las palabras y el mundo”, Alianza, Madrid, 2001, p. 16.

Mas, para que um “encadeamento de palavras” faça vibrar ou inquiete a um leitor é necessário que o texto o interpele. Ou dito nas palavras de Sarland⁸, que “o leitor se encontre a si mesmo no texto e que o texto se encontre a si mesmo no leitor”.

Nesse sentido, é necessário que as condições escolares incorporem o princípio da diversidade em prol de que cada leitor tenha a oportunidade de se ver refletido, de ser interpelado profundamente - pelo menos - por um texto na vida escolar. A diversidade é importante, mais além da necessidade de brindar aos alunos uma mostra da complexidade da produção cultural humana. Trata-se de que se possa, em algum momento, ser interpelado pelo menos por um texto, para que seu vínculo com a cultura escrita tenha um carimbo, uma marca, que definitivamente o vincule ao mundo da palavra escrita em forma pessoal e profunda.

Há alguns dias, quando preparava este texto, no Portal del SOL⁹ encontrei alguns comentários de leitores jovens sobre seus títulos preferidos e reparei no fato reiterado de convidar a outros à leitura destes livros com frases como “viajei ...”, “gamei...”, “...me enfeitiçou”, “tem tudo a ver comigo”, o que – acho – mostra como esse livro especial interpelou a cada jovem que decidiu realizar uma recomendação.

Estas novas práticas pedagógicas requerem, além do mais, reconhecer que não existe uma só forma de ler, senão que existem propósitos diversos para ler e que lemos uma variedade de circunstâncias: pessoais, públicas, laborais ou educativas¹⁰; e que compreendamos que, apesar dos textos “não literários” e os “literários” representarem duas formas diferentes de leitura, estas não são contraditórias. Os aspectos referenciais e afetivos da leitura sempre estão presentes, em certa medida, durante o ato de ler e formam parte de um continuum. “Às vezes, prestamos mais atenção ao fato de construir as idéias abstratas que precisaremos depois da leitura e ignoramos as afetivas. Outras vezes, estamos vivendo através da leitura, prestando mais atenção aos sentimentos, idéias, personalidades e situações na medida em que os vamos evocando. Não obstante, - e cito novamente a Rosenblatt¹¹ - a maioria de nossas leituras ocorrem em algum ponto na metade do continuum”.

Tanto as expectativas complexas da escola de hoje como a relação particular, individual - que ao ler estabelece entre os textos e os leitores, assim como a diversidade de propósitos sociais da leitura - arguem desafios muito importantes para a organização da aula e para a prática pedagógica que se desenvolva nela.

Programa Nacional de Leitura para a Educação Básica do México

Introdução: há 3 ou 4 meses de ter apresentado o PNL formalmente a todo o país, oferece-se aqui uma visão global do programa, partindo do seu objetivo central. No qual, partindo de uma valorização de cada uma das linhas estratégicas, consegue-se instalar cada vez mais, o programa como uma política educativa federal e estadual.

Atualmente conta-se com equipes de coordenadores nas 32 entidades federativas. Em 29 dos 32 estados, o Plano Estadual de Leitura – PEL -, começou a ser regido a partir de 2005 pelas regras de operação federais, que permitem contar com recursos definidos pelo estado e pela federação para sua operação.

Traçaram-se 4 linhas estratégicas que procuram atender à totalidade dos desafios do que representa construir uma cultura escrita com caráter de inclusão desde a escola. Cada uma destas linhas envolve responsabilidades que competem aos níveis federal, estadual e municipal.

8 Charles Sarland, “La lectura en los jóvenes: cultura y respuesta, Fondo de Cultura Económica, México, 2003, p. 160.

9 Serviço de Orientação da Leitura (<http://www.sol-e.com>), portal da Federação de Grêmios de Editores da Espanha e da Fundação Germán Sánchez Ruipérez.

10 O Conselho da Europa, por exemplo, reconhece quatro grandes âmbitos de leitura: pessoal, público, laboral e educativo. Ver <http://www.pisa.oecd.org/read/Situatn.html>

11 Op. cit., pp. 15-16.

LINHA ESTRATÉGICA	RESUMO	AVANÇOS
<p>1.- Fortalecimento Curricular e Melhoramento da Prática de Ensino.</p>	<p>A estratégia corresponde ao fortalecimento do currículo do ensino fundamental, atendendo aos conteúdos e condições necessários para o desenvolvimento das competências comunicativas. Parte-se da revisão permanente do curriculum para traçar os padrões por ano e nível. Deve-se mostrar o avanço efetivo alcançado pelos alunos com relação a suas competências comunicativas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Reforma curricular do pré-escolar em marcha em todo o país. · Elaboração e discussão nacional e regional da reforma integral do ginásio - Início da consulta em todo o país (Agosto 2005). · Nova proposta curricular para a ensino ginásial (em preparação). · Renovação dos materiais para a educação tele-ginásio (em preparação).
<p>2.- Fortalecimento de Bibliotecas e Acervos Bibliográficos das Escolas de Ensino Fundamental e de Centros de Professores.</p>	<p>A instalação e desenvolvimento de bibliotecas escolares constitui uma meta prioritária para o Programa Nacional de Leitura. A biblioteca escolar propõe tornar-se o motor para o movimento dos acervos na escola, de maneira tal, que o livro faça parte da vida cotidiana das aulas e de todos os projetos da comunidade escolar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Cerca da metade das entidades federativas têm um comitê ampliado de seleção, com mais de 20 pessoas que têm nos seus PEL's ações definidas permanentes de estudo ou da amostra da produção infantil ou juvenil para o período 2005-2006. · Lineamentos cada vez mais inclusivos para a consulta aos processos de seleção de coleções de bibliotecas escolares e de aula, com alta participação de membros do sistema educativo de todos os níveis do ensino fundamental e de projetos culturais, assim como pais de família e alunos. · Sistematização da informação dos processos de recepção de amostras, seleção, produção e distribuição de bibliotecas de aula e escolares. · Distribuição a todas as entidades federativas e escolas de nível básico das coleções de aula (chegaremos este ano a aproximadamente a 95 títulos) e escolares. · Desenvolvimento de projetos de seguimento para a instalação de bibliotecas escolares nas 32 entidades, com aproximadamente 5.000 escolas em atendimento prioritário através de 3.500 assessores, e uma rede de assessores.

LINHA ESTRATÉGICA	RESUMO	AVANÇOS
3.- Formação e atualização de recursos humanos.	<p>O programa deverá atender desde o nível federal a formação de equipes técnicas nos estados para que contem com capacidades com a finalidade de enfrentar os desafios das estratégias de seguimento e conformação de coleções para as bibliotecas de aula e escolares.</p> <p>A linhas de formação incluem a produção e distribuição de materiais tanto impressos como audiovisuais, assim como o uso de tecnologias de comunicação, aproveitando espaços como: Red EDUSAT, Red Escolar e de outros meios.</p>	<ul style="list-style-type: none">· Desenvolvimento de um trabalho de formação para as equipes técnicas - através de reuniões regionais, produção de materiais audiovisuais, impressos - e início do desenvolvimento de espaços de formação na página da leitura.· Definição pactuada com a Direção Geral de Formação Contínua de prioridades formativas no tema de leitura e bibliotecas escolares e sua relação com a oferta de cursos, oficinas e materiais, dos quais as equipes estaduais podem dispor. Incluindo dois cursos gerais sobre bibliotecas escolares (2), que se prepararam especificamente desde o PNL e mais de 50 cursos elaborados a nível federal e estadual ao longo dos últimos 10 anos.· Em colaboração com a Direção Geral de Formação contínua se está preparando o primeiro exame para o credenciamento de profissionais de todos os níveis no tema da leitura.· Definição de projetos estaduais de formação de professores, diretivos e professores bibliotecários em acordo com as instâncias formativas estaduais em crescimento nos estados.· Desenvolvimento em dois estados de um diplomado sobre leitura e escritura na etapa inicial para a formação de equipes técnicas.· Desenho, produção, emissão, reprodução e distribuição de um pacote de materiais audiovisuais para apoiar os processos de formação de agentes educativos (Assessores técnico - pedagógicos, professores e diretivos) para a seleção de livros e instalação e funcionamento de bibliotecas escolares e de aula.· Publicação e distribuição às entidades de suas solicitações do catálogo de livros especializados em leitura, para o professor.

LINHA ESTRATÉGICA	RESUMO	AVANÇOS
4.- Geração e divulgação de informação.	<p>A tarefa é gerar, sistematizar e divulgar informação que ofereça um panorama claro, orientado a desenhar políticas para o rendimento de contas.</p> <p>Serão estabelecidos vínculos com instituições e organismos do México e de outros países que desenvolvam projetos, pesquisas e trabalhos relacionados com a aprendizagem da língua escrita e a formação de leitores, além de recuperar as experiências geradas nas escolas e integrar redes de colaboração. Isto permitirá levar a cabo ações comuns para divulgar a cultura escrita entre alunos e professores.</p> <p>A divulgação da informação incidirá na valoração da leitura entre a população para impulsionar um conhecimento sólido da cultura escrita em nosso país.</p>	<ul style="list-style-type: none">· Desenho e desenvolvimento em 2003 do estudo de seguimento à instalação e o desenvolvimento de bibliotecas escolares e de aula em uma amostra representativa estadual e nacional (680 escolas do ensino fundamental) em cooperação com a Direção Geral de Avaliação e o INEE.· Preparação do estudo nacional sobre práticas de leitura e escritura na comunidade escolar em cooperação com o INEGI, que se desenvolverá em 2006.· Desenho, produção e circulação – emissão de um projeto de materiais para a comunicação do PNL a diversos atores educativos: cartaz com 10 propósitos da escola, dípticos para (Secretários de Educação Estaduais, Supervisores e Chefes de setor, Diretores e Professores), programas de rádio e TV, cartazes para a biblioteca escolar, folhetos sobre caminhos dentro das coleções, manuais para a biblioteca e o professor bibliotecário.· Desenvolvimento e colocada em serviço de um sistema de orientação informatizado sobre os “Livros del Rincón” (Livros do Cantinho) para as escolas e o público em geral: Portais da Leitura.· Desenvolvimento de una página web do PNL como apoio à formação e informação de equipes técnicas dos estados para a informação a editores e ao público em geral.· Desenvolvimento de um centro de documentação sobre Literatura infantil e juvenil e a Leitura e os leitores a nível central e a divulgação do Desenvolvimento de centros similares em cada estado a partir da oferta viva do catálogo de seleção que se tem ido entregando para os processos de seleção. Cerca de 1.700 títulos.